

# Esta é a Cidade

Esta é a Cidade, e é bela.  
Pela ocular da janela  
foco o sémen da rua.  
Um formigueiro se agita,  
se esgueira, freme, crepita,  
ziguezagueia e flutua.

Freme como a sede bebe  
numa avidez de garganta,  
como um cavalo se espanta  
ou como um ventre concebe.

Treme e freme, freme e treme,  
friorento voo de libélula  
sobre o charco imundo e estreme.  
Barco de incógnito leme  
cada homem, cada célula.  
É como um tecido orgânico  
que não seca nem coagula,  
que a si mesmo se estimula  
e vai, num medido pânico.

Aperfeiçoo a focagem.  
Olho imagem por imagem  
numa comoção crescente.  
Enchem-se-me os olhos de água.  
Tanto sonho! Tanta mágoa!  
Tanta coisa! Tanta gente!

São automóveis, lambretas,  
motos, vespas, bicicletas,  
carros, carrinhos, carretas,  
e gente, sempre mais gente,  
gente, gente, gente, gente,  
num tumulto permanente  
que não cansa nem descansa,  
um rio que no mar se lança  
em caudalosa corrente.

Tanto sonho! Tanta esperança!  
Tanta mágoa! Tanta gente!

Uma circe peregrina,  
pedúnculo de vorticela,  
perpassa sob a janela,  
incandesce-me a retina.  
Anda como sobre escolhos,  
irradiando fragrância.  
Envolve-a toda nos olhos;  
posuo-a mesmo a distância.

A multidão chama por mim.  
Chama e reclama  
que eu nela sou princípio e fim.

Lá vou, lá vou.  
Galgo os lanços da escada de roldão  
e fluo, coloidalmente disperso,  
corpúsculo e onda, sem anverso nem reverso,  
fagocitado pela multidão.

**POESIAS COMPLETAS : 1956 / ANTÓNIO GEDEÃO**

AUTOR(ES): Gedeão, António, pseud.

EDIÇÃO: 9a ed

PUBLICAÇÃO: Lisboa : Sá da Costa, 1983